



APRESENTAÇÃO

Bianca Vilhena C. Pereira
Doutora PUC-Rio
Licencianda em Filosofia Unirio

Francisco Moraes
UFRRJ

Marcelo Guimarães
Unirio, PPFEN-CEFET/RJ

O presente número da Revista Estudos de Filosofia e Ensino tem como tema o medo da morte. Ao longo de 10 encontros, por via remota, o medo da morte foi abordado no curso de extensão promovido pela Escola de Extensão da UFRRJ entre os meses de abril e julho de 2020. Deste curso surgiu a ideia da publicação. Em tempos de pandemia, o tema se impôs com naturalidade, refletindo o desafio presente de encaminhar a experiência do luto coletivo, bloqueado pelas autoridades políticas brasileiras e mesmo por lideranças religiosas, alegando pretensas razões econômicas, para a proximidade inquietante da reflexão filosófica. Embora não saibamos quando, onde ou de que maneira deixaremos de viver, a finitude é um dado inquestionável da condição humana e é justamente um dos temas que move o mundo. Contudo, mais do que sobre o fim absoluto do homem, as reflexões sobre a morte tratam da vida, o seu sentido, a felicidade e as relações entre os seres humanos. Certa de que ignorar a morte não tem nada de sábio, assim como o mero amedrontar-se diante dela, a filosofia assume, com Sócrates, a ignorância interrogativa a respeito da morte como sua própria identidade. No *Fédon*, famoso diálogo de Platão que encena os últimos momentos de sua vida, Sócrates exorta Cebes a procurar por toda a parte um esconjurador do medo da morte que possa substituí-lo, na Hélade e nas Nações Bárbaras, afirmando que em nada mais este poderia aplicar melhor o seu dinheiro. E Nietzsche, por sua vez, em seus cursos sobre Platão, defenderá que foi o medo da morte, e não o medo dos tiranos, o que teria levado Platão a deixar Atenas em sua viagem até o Egito. Segundo Nietzsche, Platão seguiu à risca o conselho de Sócrates. O medo da morte, de fato, é mais antigo do que a filosofia e mobilizou, ao longo da história, múltiplas respostas de diferentes

PEREIRA, B.V.C.; MORAES, F.; GUIMARÃES, M.
Apresentação

civilizações e culturas. Por diferentes caminhos, desde que se constitui como forma de vida reconhecível, a filosofia tem abordado o assunto e elaborado respostas racionais ao problema da vida e da morte. Em todas essas tentativas, a filosofia assume, ousadamente, o desafio de encaminhar esse temor primitivo na direção de uma postura esclarecida e de uma vida emancipada de ilusões aprisionadoras. As respostas da filosofia seguem, em linhas gerais, as seguintes direções fundamentais: 1. O reconhecimento de que a consciência da morte é algo exclusivo ou mesmo definidor da humanidade do homem; 2. O medo da morte equivaleria a algum tipo de ignorância passível de ser superada; 3. O medo da morte seria incontornável e positivo, sendo capaz inclusive de propiciar o desenvolvimento de determinadas virtudes; 4. O medo da morte seria o fundamento da própria vida social e do Estado; 5. A superação do medo da morte, a assunção da morte, proporcionaria a alguns homens uma existência mais autêntica e livre; 6. A libertação definitiva do medo da morte seria a meta de uma humanidade emancipada ou em vias de emancipação. Os artigos aqui reunidos refletem sobre o medo da morte a partir dessas respostas num diálogo vivo com filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Montaigne, Pascal, Nietzsche, Heidegger e Mbembe. Neles, a problemática do ensino de filosofia se faz direta ou indiretamente presente.